

## Aniversário

*Em festa, Dirceu  
ensaia volta ao  
comando de  
decisões do PT*

**Ex-ministro, preso no mensalão, reúne aliados e adversários da legenda, sem a presença da presidente Gleisi Hoffmann**

**VERA ROSA**  
BRASÍLIA

O ex-ministro da Casa Civil José Dirceu, condenado e preso no mensalão e na Lava Jato, comemorou anteanotem seu aniversário de 78 anos, diante de ministros, senadores e deputados de legendas que costumam se posicionar contra seu partido, o PT. Um dos planos de Dirceu é disputar as eleições de 2026 para deputado federal e retornar à Câmara, de onde foi defenestrado em 2005, acusado de ser o chefe do mensalão. Mas tudo depende de sua situação jurídica até lá.

Chefe da Casa Civil de Lula no primeiro mandato, de 2003 a 2005, Dirceu foi condenado e preso três vezes na esteira dos processos do mensalão e da Operação Lava Jato. Em janeiro deste ano, a defesa do ex-ministro entrou com uma petição no Supremo Tribunal Federal (STF) para anular todas as suas condenações na Lava Jato. O caso está com o ministro Gilmar Mendes.

Na prática, a comemoração antecipada do aniversário de Dirceu – que completa

78 anos amanhã – serviu para mostrar que, apesar de estar fora do governo, ele ainda tem – e busca – muito poder. Há no PT até mesmo quem defenda sua volta ao comando do partido, em 2025, quando haverá a substituição de Gleisi Hoffmann, presidente da sigla. Gleisi não compareceu à festa.

O prefeito de Araraquara, Edinho Silva, é hoje o nome citado por Lula para a tarefa de presidir o PT em um período que vai compreender sua candidatura à reeleição e, por isso mesmo, promete ser ainda mais polarizado. Edinho tem dito que não quer concorrer.

Em discurso durante a festa, ele defendeu a reeleição de Lula e, depois, mais um mandato para o PT, a partir de 2030. Dirceu fez uma análise da situação política do governo: disse que o PT não chegou ao governo com maioria no Congresso e, por isso, precisa entender a importância da aliança até mesmo com siglas de direita.

“O desafio agora é que, daqui a dez anos, o mundo vai ser tão outro que o nosso tempo é muito curto”, afirmou o ex-ministro. “Nós não temos mais 30, 40 anos. Nós temos dez anos para fazer as mudanças. Nós não chegamos ao governo com maioria no País. Nós chegamos ao governo pelas circunstâncias históricas do bolsonarismo.”

Dirceu recebeu os convidados à porta por três horas. Passaram por lá sete ministros, entre eles Fernando Haddad (Fa-

zenda), José Múcio Monteiro (Defesa), Alexandre Padilha (Relações Institucionais) e Nísia Trindade (Saúde). A festa reuniu inclusive políticos do PL, em uma casa do Lago Sul, bairro nobre de Brasília. A lista inicial era de 300 convidados. Apareceram 500.

O presidente da Câmara, Arthur Lira (PP-AL), foi dos últimos a chegar. Estavam lá ainda o presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, e o diretor de Política Monetária do Banco Central, Gabriel Galípolo.

## Convidados

**Passaram pela festa sete ministros, entre eles Haddad, José Múcio, Padilha e Nísia Trindade**

Nas rodas de conversa, assuntos variados: desde a crise provocada pela decisão de não distribuir os dividendos extraordinários da Petrobras até a eleição de Lira na Câmara, passando pelos 60 anos do golpe militar de 1964 e pelos dez da Operação Lava Jato.

**APOIO A HADDAD.** Um dos mais animados era o suplente de senador Sílvia Costa (República-

nos). Pai do ministro de Portos e Aeroportos, ele cobrava de Dirceu apoio a Haddad na disputa com o PT, que, em resolução recente, criticou o "austericídio fiscal". O aniversariante não concorda com a visão de seu partido. "Eu já estou fazendo isso (*defendendo Haddad*)", respondeu Dirceu. "Falei até em covardia." Costa insistiu: "Mas é preciso falar mais. Não é o pobre que vai no Congresso fazer lobby. Não dá para fazer distribuição de renda sem ajuste fiscal".

Em janeiro, ele disse que não adiantava o PT criticar Haddad porque a política econômica era do governo. “Quando o governo apresenta uma política, nosso papel é apoiar. No caso do Haddad, é quase uma covardia nós não darmos apoio total a ele”, argumentou o ex-ministro em um podcast do partido.

Apesar de, nos bastidores, haver de fato um movimento para que ele volte ao comando do PT, Dirceu sustentou, em conversa com o **Estadão**, que só quer ajudar o Brasil. "Não vou ser presidente do PT de novo. Estou quase com 80 anos. Neste ano, participarei da campanha como cidadão e militante nas cidades que o diretório

regional definir como prioritárias." São Paulo é a joia da coroa e encabeça esta lista. O candidato apoiado pelo PT à Prefeitura da capital, Guilherme Boulos (PSOL), também esteve na festa.

Muitos também queriam saber quem Dirceu irá apoiar para a presidência da Câmara dos Deputados. “A decisão mais acertada do Arthur (*Li-ra*) foi ter deixado esse assunto para depois”, disse o ex-ministro. A eleição para o comando da Câmara e do Senado será em fevereiro de 2025.

**'TEMPO PERDIDO'.** Ao lado de Dirceu se sentou o deputado Elmar Nascimento (BA), líder do União Brasil, que tem sido apontado como o nome favorito de Lira na disputa. Elmar levou uma banda para tocar na festa. As músicas iam de MPB a rock. Um dos hits exibidos foi *Tempo Perdido*, da Legião Urbana.

Amesa, o cardápio era composto por costela de porco, feijão tropeiro, mandioca, salmão ao molho de maracujá e salada mista. De sobremesa, sorvete do Pará de vários sabores, com a foto de um Dirceu sorridente na tampa da embalagem. ●



**Preso no mensalão e na Lava Jato, Dirceu recebeu políticos como o presidente da Câmara, Arthur Lira**

## Cenário para popularidade de Lula mais difícil após agosto

## ANÁLISE

## SILVIO CASCIONE

**A** pós um longo período de popularidade alta, era questão de tempo para que a imagem do presidente começasse a se desgastar, como ocorre com a maioria dos governos depois de um período de lua de mel. Demorou mais do que todos imaginavam, até mesmo os petistas. Mas as pesquisas divulgadas na semana passada — Ouquest, AtlasIntel e Ipec —

mostraram uma clara perda de popularidade do governo. O próprio Lula admitiu esse fato, afirmando que sua gestão ainda está aquém do que prometeu.

Mas, como sempre, é preciso cuidado para não carregar demais nas tintas. Há motivos para afirmar que essa queda recente na popularidade decorre de fatores pontuais, cujos efeitos devem se dissipar ao longo do tempo: primeiro, o aumento dos preços de alimentos, capturado pelo IPCA de fevereiro, causado pelo fenômeno El Niño – que já caminha para o fim. Segundo, os comentários de Lula

sobre Israel, que foram sistematicamente explorados por líderes evangélicos e contribuíram para afastar o presidente ainda mais desse grupo eleitoral.

Tirando esses dois fatores, o cenário ainda é relativamente favorável para Lula. Afinal, a maior razão para a estabilidade de sua taxa de aprovação em 2023, a melhora na renda dos brasileiros, continua em vigor, em grande medida. A alta dos alimentos tira um pouco do poder de compra dos eleitores, mas o reajuste do salário mínimo e dos benefícios previdenciários, a queda do desemprego e o

efeito do pagamento antecipado de precatórios devem manter a renda em alta ao longo do primeiro semestre deste ano.

O maior risco para Lula está no segundo semestre, quando os fatores por trás do expressivo aumento de renda perderão intensidade de forma mais clara. Ninguém prevê uma recessão, mas a sensação térmica da economia deve ficar mais morna. Espera-se, no mercado, que a queda dos juros comece a estimular investimentos, mas leva um tempo até que eles se materializem. É provável, portanto, que a popularidade de Lula, hoje

ainda acima de 50% quando medida pela escala aprova/desaprova, se acomode em um patamar mais baixo, na casa dos 40%.

As demonstrações de ansiedade de Lula e dos petistas, então, são pequenas perto do que os próximos meses reservam. Se a queda de popularidade vier acompanhada de uma derrota eleitoral da esquerda em São Paulo (provável) e de uma vitória de Donald Trump nos Estados Unidos, a preocupação no Palácio do Planalto certamente subirá ainda mais. ●

DIRETOR DA CONSULTORIA EURASIA GROUP